



Novas Práticas em Educação do Campo: a comunidade local em uma feira solidária e cultural na Escola Maria Manoela

Eixo Temático: Instituições, Gestão e Compromisso Social

Larissa Catarina Gräff de Mello¹
Carlos Alberto Xavier Garcia²
Eliane Terezinha Raymundo Guedes³

RESUMO

Este trabalho tem como origem reflexões a partir de evento idealizado pelo projeto interdisciplinar que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Manoela da Cunha Teixeira, localizada no Assentamento Guajuviras, no distrito de Azevedo Sodré em São Gabriel, RS, desenvolve. Tem por objetivos descrever a prática da Escola do Campo neste período de transição da escola rural para a escola do campo. O tema deste trabalho é o espaço cultural e de economia solidária que a Escola Maria Manoela realiza a partir de um projeto construído com os subsídios obtidos durante o curso de aperfeiçoamento em Educação do Campo realizado pela UNIPAMPA em São Gabriel, no Rio Grande do Sul. O referido projeto denominado Feira da Economia Solidária e Espaço Cultural, acontece desde 2015 na instituição e tem como objetivo geral integrar a comunidade e a escola a fim de promover o desenvolvimento social, cultural e econômico da comunidade local, por meio da realização mensal da feira solidária.

Palavras-chave: Educação, práticas, feira solidária, cultura.

INTRODUÇÃO

Este texto é um dos resultados do trabalho desenvolvido no Curso de Educação Continuada – Educação do Campo: Refazendo caminhos na região do pampa, oportunizado pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus São Borja e São Gabriel, no período de outubro de 2014 a maio de 2015. Este curso desenvolveu atividades com os trabalhadores da educação e profissionais da educação interessados no tema. Teve como objetivo principal a sensibilização dos Gestores públicos e a educação continuada para a implementação da Educação do

¹Especialista em Educação do Campo, Professora Municipal de São Gabriel; Assessora Técnica do conselho Municipal de São Gabriel. e-mail: l_catarina@live.com

²Mestre em Educação, Professor na Rede Estadual; Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Pampa - Campus São Gabriel e-mail: cxaviergarcia368@gmail.com

³Especialista em Educação Básica: Gestão, Teoria e Prática Docente; Especialista em Psicopedagogia, Professora Municipal de São Gabriel. e-mail: elianegueds@yahoo.com.br



Campo, além do mapeamento das demandas específicas dos Municípios, bem como o despertar das consciências para a urgente necessidade de reformulação curricular na educação do campo, na região do pampa.

Durante o período os estudos realizados desenvolveram atividades formativas para que o profissional da educação do campo pudesse apropriar-se de fundamentos teóricos e metodológicos para que planejasse atividades práticas que o possibilitassem retornar para suas escolas de origem de forma mais consciente do seu papel de educador do campo.

Durante nove (9) meses de encontros quinzenais, educadores do campo, professores da Universidade Federal do Pampa, tutores e colaboradores da comunidade, que acreditam e buscam uma educação campestre de qualidade, a partir do embasamento de leituras, debates, fóruns virtuais e demais atividades pedagógicas pensaram, geraram e gestaram projetos interdisciplinares para despertar olhares colaborativos e mãos parceiras que garantam a Educação do Campo na região do pampa.

Baseados em Paulo Freire, pioneiro da Educação Popular, libertadora e que contribui de maneira significativa para a fundamentação da educação continuada e formação do cidadão que encontra-se de acordo com a Concepção do campo, articula-se ao desenvolvimento local e sustentável a partir da perspectiva dos interesses do povo. O projeto aqui destacado desenvolveu-se de forma interdisciplinar na área de Economia Solidária, Agricultura Familiar e encontra-se de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Maria Manoela.

Dessa forma, pretende-se por meio deste trabalho descrever o relato de experiências pessoais como organizadores e executores do Projeto Espaço Cultural e Economia Solidária na Escola Maria Manoela.

DESENVOLVIMENTO

A economia solidária tem se destacado nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e o resultado em prol da inclusão social é uma realidade incontestável.



Segundo Badue (2011, p. 9):

Economia Solidária (ES) – é um jeito diferente de produzir, vender, comprar, trocar e consumir, em que a realização das atividades econômicas é baseada na democracia, autogestão, cooperação, solidariedade, preservação ambiental e nos direitos humanos. A autogestão acontece quando todos os integrantes do empreendimento são ao mesmo tempo, trabalhadores e donos e tomam as decisões de forma democrática. Os participantes ou sócios(as) são trabalhadores dos meios urbano e rural que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, fundos de crédito (cooperativas de crédito e fundos rotativos populares), comercialização e consumo.

A Economia Solidária mantém um viés muito importante com a Educação Popular, pois partindo do princípio que esta é um tipo educação que procura trabalhar com a consciência crítica nos setores sociais a partir da realidade destes e assim fomentar a organização popular e o trabalho realizado, principalmente com o homem do campo, vem ao encontro da proposta da economia solidária.

A responsabilidade da escola, neste processo é tornar a educação no seu mais amplo aspecto válida, ou seja, considerar que toda ação educativa necessita e deve estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem desejamos ajudar a educar-se (FREIRE, 1979). Essa reflexão sobre o homem evita que sejam adotados métodos de educar e maneiras de atuar que reduzam o homem a simples objeto. Deve se ter em mente que a vocação do homem é ser sujeito de si próprio e não objeto, por isso é tão importante analisar o meio cultural onde este homem está inserido para não incorrer no erro de realizar uma educação pré fabricada, que será inoperante frente ao homem concreto a que se destina.

Segundo Freire (1979, p.20)

[...] não existem senão homens concretos (“não existe homem no vazio”). Cada homem está situado no espaço e no tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso. O homem é um ser de raízes espaço-temporais. [...] A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade a qual o homem está radicado.

Refletir sobre a realidade do homem, sobre sua situação concreta o faz emergir plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para transformá-la. Neste sentido, o trabalho desenvolvido na Escola Maria Manoela, que



está localizada no assentamento Guajuviras, interior do município de São Gabriel, na localidade de Azevedo Sodré e pertencente à rede municipal de Educação, se preocupa em desenvolver uma educação que leve o cidadão à tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem do campo tem a opção de decidir e escolher, libertando-se em lugar de se submeter, de ser domesticado ou de que tenha que se adaptar como já fora feito em outras épocas.

A origem do projeto se deu pela participação de algumas professoras no curso de formação continuada em Educação do Campo, oferecido pela Unipampa em São Gabriel e São Borja. Essa troca de experiências entre os dois municípios foi de grande valia para a organização e divulgação dos produtos extraídos do assentamento. Para Péguy, essa ideia de empoderar o homem do campo, mais especificamente os assentados, não é nova, pois no início do século, (FREIRE, 1974, p. 75), já ensina que:

Dar consciência aos camponeses de sua situação, a fim de que eles mesmos se esforcem por mudá-la, não consiste em falar-lhes da agricultura em geral, recomendar-lhes o emprego de adubos químicos, de máquinas agrícolas nem da formação de sindicatos. Consiste em fazê-los compreender o mecanismo da produção agrícola, à qual se submetem por simples tradição; fazê-los examinar e criticar os atos diários que cumprem por rotina. O que mais custa a um homem saber, de maneira clara, é sua própria vida, tal como está feita por tradição e rotina de atos inconscientes. Para vencer a tradição e a rotina, o melhor procedimento prático não se encontra nas ideias e conhecimentos exteriores e distantes, mas no questionamento da tradição por aqueles que se conformam com ela, no questionamento da rotina em que vivem...”.

Empoderando o homem do campo faz com que ele busque na economia solidária uma alternativa para uma vida com mais qualidade. Dessa forma, a principal importância da economia solidária é priorizar o entendimento do trabalho como forma de emancipação humana dentro de um processo de democratização econômica criando uma proposta de renda coletiva e comercialização.

Singer (1997, p. 68) propõe que “a economia solidária seja uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego”. Baseado nesta citação do Singer (1997) justifica-se que, por meio de ações que envolvam a economia solidária, surgem oportunidades de geração de emprego e renda, em especial na Zona Rural, para os pequenos agricultores.



No que se refere à agricultura familiar conforme Badue (2011, p. 8) esta consiste:

[...] naquele que pratica atividades no meio rural de acordo com determinado limite de área, utilização de mão-de-obra da própria família, renda familiar originada de atividades econômicas do estabelecimento, direção do estabelecimento com sua família (lei Federal nº 11.326/06). Ressalta-se que a AF é responsável pelos principais produtos que chegam à mesa dos brasileiros (cerca de 90% da mandioca e 2/3 do feijão, do leite e dos suínos). Além disso, no mínimo 30% dos gastos com gêneros alimentícios para a alimentação escolar deve ser gasto com produtos da aF (lei Federal nº 11.947/09).

Tendo em vista a valorização da Agricultura Familiar e fomentando a Economia Solidária, a escola cumpre seu dever de discutir assuntos referentes à diversificação de produtos relativos à agricultura e o uso dos recursos naturais; à questão agrária e as demandas históricas por reforma agrária; aos trabalhadores assalariados rurais e suas demandas por melhores condições de trabalho, o preparo do solo e à pesca ecologicamente sustentável.

O modo de vida do campo contribui para reafirmar a identidade dos povos do campo, valorizando seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser e os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza e como integrante dela.

Nesta perspectiva, o projeto desenvolvido na Escola Maria Manoela se concretizou devido à grande integração existente entre os líderes da comunidade de assentados e os professores da escola, atendendo aos pressupostos da Educação do Campo, numa intervenção interdisciplinar na comunidade local. Com este projeto a comunidade tem a possibilidade de obter maior rendimento em sua produtividade, proporcionando a eles um espaço onde possam manifestar sua cultura, além de comercializar seus produtos, promovendo a integração da comunidade de forma solidária e sustentável.

Num primeiro momento, um grupo de mulheres da comunidade recebeu capacitação por meio de cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Indústria e Comércio de São Gabriel, em 2015, para a produção de alimentos e confecção de artesanato, porém como não possuíam um espaço para expor e comercializar seus produtos, a escola se dispôs a organizar este espaço.

Essa ação resultou também da participação dos professores da escola em uma formação continuada em Educação do Campo, que deu origem ao projeto

interdisciplinar sobre a Feira da Economia Solidária. A feira foi colocada em prática pela escola, com a primeira edição no ano de 2015, com o compromisso de ser realizado mensalmente, oportunizando as mulheres da comunidade, comercializarem seus produtos e ao mesmo tempo interagir na parte cultural e social com o grupo docente e discente da escola.

A primeira feira ocorreu dentro das dependências da escola, no intervalo das 10 horas às 14 horas, sem interferir no curso normal da escola. Os alunos participam com elaboração de trabalhos escritos, teatrais, entre outros, assim como a comunidade também pode apresentar seus dotes artísticos.

A seguir alguns registros da feira, realizada desde 2015 e que já está na terceira edição.

Figura 1 – Assentados expondo seus produtos no interior da escola.



Fonte: Gräff (2015).

Figura 2 – 2º ano de feira. Realizado na zona urbana de São Gabriel (Praça Central)



Fonte: Gräff (2016)

Figura 3 – 3º ano de realização da feira – Escola Maria Manoela – Em evento na comunidade.



Fonte: Gräff (2017).

Mediante a realização destas três edições da Feira Solidária e Cultural da Escola Maria Manoela, percebeu-se o quanto é necessário ofertar oportunidades às comunidades do campo, assim como subsidiar os professores para as ações educacionais de acordo com a realidade de cada comunidade.

Nesse sentido toma-se a fala de Arroyo (1982, p 56) que diz:

teremos que optar entre continuar tratando o homem do campo como um carente crônico que precisa ser alimentado, curado, informado, integrado, educado ou passar a tratá-lo como um cidadão trabalhador historicamente excluído dos direitos básicos, que vem tomando consciência desta exclusão e se organiza na reivindicação de seus direitos.

Assim, a Escola Maria Manoela, através do seu corpo docente entende que é fundamental que a escola do campo ajude na construção de alternativas junto à comunidade campestre, desenvolvendo seu papel enquanto agente de transformação.



De acordo com Freire (1979) é necessário ter consciência do lugar que se ocupa no mundo, estar com o mundo e pelo mundo. O ser humano que habita o campo deve ser consciente das suas possibilidades de transformar o mundo, pois são seres condicionados e não determinados. Sendo assim, eles possuem a possibilidade de transformar sua realidade que os oprime e que os explora, produzindo novas formas de viver e conceber o mundo que os cerca.

A partir das discussões na comunidade e a análise feita dos resultados do projeto é que se percebe o papel do professor na formação do cidadão e sua contribuição para a comunidade na qual a escola está inserida.

A conscientização tão propagada por Freire trata-se de um compromisso histórico com os povos oprimidos e nesse contexto encontramos o povo que habita o campo e que faz sua história, como sujeitos da ação e que são oprimidos pelas condições de subordinação aos grandes latifundiários. Freire convida-nos à conscientização crítica como compromisso histórico com esse povo, como um compromisso com o mundo e com o próprio ser humano, que faz e refaz o mundo. É então necessário assumir uma posição utópica frente a sua realidade de mundo.

Não se trata apenas de utopia, pois quando o sonho é coletivo pode ser real, determinante do desejo de viver numa sociedade mais justa, fraterna, humana e que valorize seus saberes, suas leituras de mundo. Ter consciência de que a utopia é possível e se coloca no primeiro passo para a transformação da sociedade.

Isso fica evidente na fala dos participantes da Feira Solidária e Cultural da Escola Maria Manoela, quando assim se manifestam:

Sou assentada há dez anos no Assentamento Guajuviras e feirante desde o início do projeto. A feira na escola ajuda na minha renda e assim participo mais nas atividades da escola e as pessoas conhecem meu trabalho. Vendo tapetes, rapadura e geléia. (Dolores mãe de aluno).

Adoro a feira, é uma ocupação a mais na minha vida, me incentivou a produzir e buscar novas aprendizagens com artesanato. Quero que nunca acabe este projeto. Comercializo frutas, mandioca e artesanato. Sou assentada desde 2001. (Tatiane assentada desde 2001).

Quando o homem do campo possui uma consciência crítica é capaz de produzir métodos de conhecimento da realidade que o cerca, que serão



fundamentais na transformação por meio de mudanças radicais, já que seu estado de conscientização crítica leva-o a ter ação/reflexão/ação, que supera a realidade opressora através da ação consciente.

CONCLUSÃO

A conscientização como metodologia na educação do campo compreende o processo de desenvolvimento de saberes verdadeiros da realidade, do contexto social em que se encontram os indivíduos e suas condições materiais, além de reforçar seu papel no mundo da produção e sua situação de classe. Nesta perspectiva, o movimento de transformação da prática social destes indivíduos consiste na compreensão de que é necessária uma mudança radical em sua compreensão de mundo, buscando ações práticas que visem superar sua condição desumanizadora imposta pelo atual modelo de produção.

A educação deve ser a mola propulsora para o desenvolvimento de tal nível de consciência, possibilitando à Educação do Campo refletir sobre as relações sociais produzidas neste contexto e que compõem a realidade objetiva destes sujeitos, servindo de arma de luta para que os oprimidos vençam a opressão. Quando o ser humano tem consciência de classe, ele torna-se um sujeito ativo que se propõe à organizar ações referentes às relações sociais, visando à concretização do vir a ser humano, à sua humanização.

É importante que os saberes do homem do campo sejam valorizados, pois a hegemonização dos saberes conduz à dissimulação da existência das relações opressivas que amparam o modo de produção das condições materiais da sociedade como um todo. Assim, a educação entendida como prática de liberdade se manifesta como um movimento que vai contra a hegemonia de produção de saberes e denuncia a luta de classes, conhecendo o mundo que deve ser modificado, ou possibilitando ao indivíduo desenvolver a consciência crítica e real sobre as relações que o oprimem.

Neste aspecto, a realização da Feira Solidária e Cultural da Escola Maria Manoela contribui para que as famílias de assentados daquela localidade sejam



reconhecidas como sujeitos, respeitando sua cultura e seus valores através daquilo que produzem. A parceria dessas famílias no trabalho com a escola acarretou benefícios incalculáveis para a autoestima dos alunos e para o trabalho educacional desenvolvido na Instituição.

Percebeu-se que a integração comunidade/escola ficou mais sólida e o respeito às especificidades de cada um, pela visibilidade como membros de uma sociedade que deve ser de todos, não excludente e/ou discriminatória, mas que acolhe e valoriza o outro.

O sucesso não se reduz ao simples comércio, mas a troca de experiências, a construção coletiva de saberes e ao crescimento como seres humanos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Escola, cidadania e participação no campo. Brasília: Em Aberto, Set., 1982.

BADUE, Ana Flávia Borges; GOMES, Fernanda Freire Ferreira. Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras / Instituto Kairós; São Paulo: Instituto Kairós, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. SP: 2001.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

SINGER, Paul. Economia Solidária: geração de renda e alternativa ao neoliberalismo. Revista trimestral de debates. São Paulo: FASE, 1997.

SÃO GABRIEL, Secretaria Municipal de Educação. Projeto Político Pedagógico da EMEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, 2013.